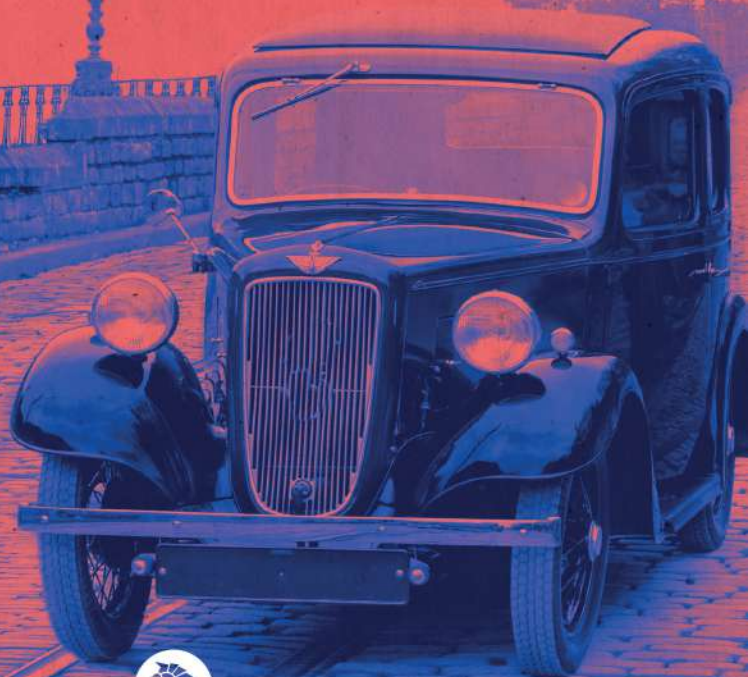


IRÈNE NÉMIROVSKY

A PRESA

«Uma sucessora de Dostoiévski.»
The New York Times



cavallo de ferro

PRIMEIRA PARTE

1

Para onde é que ele vai?

– E eu sei?... Ele comporta-se com a família como se fosse um estranho...

A família estava reunida no salão, uma divisão de passagem, com quatro portas sempre abertas; dali podia-se espiar a vida da casa. Para ouvirem os passos de Jean-Luc, as mulheres sustiveram a respiração, mas ele já ia longe.

Laurent Daguerne disse suavemente:

– É um homem livre...

Tivera exactamente a reacção que a mulher esperava: quisera sem dúvida chamar o filho, dizer com aquele risinho tímido que às vezes lhe escapava e que parecia troçar do próprio coração: «Anda... Nunca estás aqui...» Mas travara as palavras nos lábios, sufocara-as até um quase imperceptível suspiro e, deixando Jean-Luc ir-se embora sem uma palavra, pegara de novo no livro. Agora, parecia quase feliz. Era um daqueles homens que só se sentem à vontade na abstracção, na meditação, nas especulações do espírito; a leitura proporcionava-lhe o que a outros dá o álcool: o esquecimento da vida.

A vivenda dos Daguerne fora construída na parte norte do Vésinet. Era domingo ao fim da tarde; os automóveis circulavam pela estrada nacional. Havia um cruzamento perto do jardim; ao passarem diante do portão,

os carros produziam um guincho atroz, um gemido de travões que mais parecia um grito ansioso. Mas, àquela hora, tornavam-se mais raros. A casa iria descansar até ao dia seguinte num profundo silêncio. A chuva caía; gotas grossas e impacientes martelavam no telhado.

Laurent Daguerne levantou o livro para captar melhor na página a parcimoniosa luz de um pequeno candeeiro de três bicos. O salão era um compartimento frio e incómodo, atafalhado de móveis de jardim que aí eram guardados quando chegava o Outono. Tinham sido encostadas à parede cadeiras de palhinha desgastadas pelo longo uso e um jogo de *croquet* com as bolas descoloridas e com os arcos ferrugentos. A casa tinha à volta um jardim sem flores, sem graça; velhos abetos negros, duros e vigorosos empurravam os ramos contra os vidros; uma lanterna acesa por cima dos degraus da entrada iluminava-os vagamente, bem como à urna de gesso no meio do relvado, com a abertura cheia de água da chuva e de folhas apodrecidas.

Aquela vivenda de tijolo amarelo, com o aspecto soturno, sólido, feio, avarento e resistente das construções anteriores à guerra, fora construída por Laurent Daguerne por altura do seu primeiro casamento. Mas perdera a mulher muito cedo. Agora vivia com outra nessa casa onde Louise morreria... Há já alguns anos, desde que adoecera e os seus rendimentos de arquiteto se tinham tornado quase miseráveis, toda a família vivia lá tanto no Inverno como no Verão. Paris parecia estranhamente distante em noites de Novembro como aquela... Os Daguerne não tinham automóvel.

Mathilde Daguerne estava a coser, baixando a cabeça para a costura; alguns cabelos brancos juncavam-lhe os bandós, antigamente da cor negra e azulada do ébano. Por alguns instantes, parava, suspirava, olhava fixamente o espaço, franzindo as sobrancelhas, e os lábios estreitos e apertados mexiam, formando números. Disse a meia-voz:

— Doze francos e setenta e cinco... Doze e oito... Era o que eu pensava... Mais de vinte francos...

Tinha um grande nariz delgado e direito, olhos tristes, metidos nas órbitas profundas. Nunca qualquer pintura ou pó tinha tocado a sua pele naturalmente seca, como que privada de alimento. Os seus traços não eram desprovidos de beleza, mas tinham definhado precocemente.

De corpo, era uma bela mulher alta, muito bem-feita, e era estranho o contraste entre o seu rosto envelhecido e as suas magníficas formas.

No dia do casamento, dera um presente a Jean-Luc, o seu enteado, que na altura tinha oito anos. Jean-Luc, empurrado pelo pai, dera-lhe um beijo a agradecer, mas, alguns momentos depois, por distração ou timidez, estendera-lhe de novo a cara e ela, recuando um pouco, dissera:

– Já me deste um beijo, Jean-Luc...

Mal pronunciara estas palavras e vira o olhar de Jean-Luc, pensara: «Que estou eu a dizer?... Estarei doida?»; mas as palavras ásperas, as censuras pareciam ser projectadas para fora de si por uma força desconhecida, enquanto ela era só escrúpulos, boa vontade, esforço desesperado e vão por amor. Nessa noite ainda pensava: «É difícil criar o filho de outra.»

Jean-Luc tinha agora vinte e três anos. No triste dia em que Laurent haveria de desaparecer, a família não teria outro apoio além de Jean-Luc.

Laurent Daguerne sofria de uma doença de rins contraída enquanto estivera prisioneiro na Alemanha; há mais de dois anos, desde a última operação a que se submetera, fora dado como incurável. Era um homem baixo, frágil, de tez lívida, e o seu olhar cansado, profundo, como que voltado para dentro e indiferente ao mundo visível, revelava o homem atingido pela morte.

Em breve, desditosamente, o chefe da família seria Jean-Luc. Era o protector natural do irmão mais novo e da meia-irmã (Mathilde tivera uma filha de um primeiro casamento, que o marido adoptara). Mas que faria por eles?

Pensou:

«O coração dele está seco.»

Ergueu a agulha para a luz e disse em voz alta:

– Esta noite já não volta.

– Perguntaste-lhe?

– Não me atrevo a fazer-lhe perguntas. Ele sabe mostrar que isso lhe desagrade. São coisas que eu compreendo por meias-palavras.

Laurent murmurou com inquietação, pois não suportava que a mulher falasse mal de Jean-Luc, fosse por palavras, fosse no segredo do seu coração:

– Tenho a certeza de que vai voltar.

Ela suspirou profundamente:

– Sim, sim, meu amigo... Não fiques agitado.

Laurent já se censurava por ter pensado no filho com demasiada ternura. Inconscientemente, separava-o dos outros em pensamento, de José e da pequena Claudine, que não era do seu sangue e que ele se esforçava por amar. Estendeu para eles a mão fria, sempre agitada por um tremor pouco perceptível, e acariciou os cabelos despenteados de José, a cara de Claudine.

– Então, meus filhos?

Eles não responderam: a voz dos pais raramente chegava até eles; Claudine tinha dezasseis anos, José, doze. Nessa idade, uma muralha invisível rodeia o corpo e isola os sentidos do resto do mundo. Às vezes, uma ordem dada pela mãe, com a entoação agreste, estridente que a sua voz colocava em algumas palavras, chegava-lhes aos ouvidos; então estremeciam, como se estivessem a acordar de um sonho, mas Laurent Daguerne tinha para eles a consistência de uma sombra.

Claudine, uma mulherzinha já roliça e desenvolvida, com cabelos negros e faces rosadas, de aspecto atarracado, frio, robusto, secreto, cosia uma peça de roupa interior; distraía-se, olhava à volta com indolência, deixava cair a costura no colo e brincava com a pulseira de prata. José estava sentado ao lado dela, com a cabeça inclinada; virava febrilmente as páginas de um livro; tinha o cabelo a cair na testa, nos lindos olhos; sem parar de ler, afastava-o para trás com um movimento sacudido da cabeça e depois punha os polegares nos ouvidos e as unhas na cara; a pele, ainda doce e frágil como a de uma rapariga, corava e arroxava pelo efeito dos dedos. Parecia-se com Jean-Luc, pensava Laurent, mas era bem tratado, rosado, feliz... Jean-Luc não fora assim... Órfão desde muito criança, encerrado num colégio aos oito anos, tinha sido sempre pálido e magro, endurecido pela aparente frieza, pela desconfiança de si mesmo que dá aos rapazes a educação feita unicamente por homens e no meio de homens. Laurent recordou os traços finos do seu primogénito, os olhos estreitos e brilhantes, a bonita boca que parecia fechada, contraída por um esforço de vontade. A voz era doce, mas ele exprimia-se por frases breves e cortantes. Laurent pensava nele com tristeza, nostalgia, medo... «Quando envelhecemos», pensava ele, «sentimos por um

filho o mesmo que por uma mulher amada. As mais simples motivações de Jean-Luc parecem-me misteriosas. Onde estará ele agora? Com uma mulher? Que mulher? Alguma mulher terá agradado ao meu filho? Estará com um amigo? Lembro-me que, na idade dele, qualquer rapaz, mesmo o mais estúpido, o mais vulgar, estava mais próximo de mim e era mais importante aos meus olhos do que o meu próprio pai. Tantas horas dediquei a imbecis, e que desprezo, que esquecimento daquele que morreria dali a pouco, tal como eu vou morrer. Que amarga e pesada experiência ele podia recolher dos meus lábios, mas ele nem sequer pensa nisso... Quem sou eu para ele? Que posso dar-lhe? Nada, rigorosamente nada. Há dois anos que nem sequer posso pagar-lhe os estudos, nem assegurar-lhe a sobrevivência. Que é que ele faz? Como é que ele vive? Não o diz e eu tenho medo de lhe perguntar... Tenho medo de ficar a saber que é infeliz, que não tem o necessário, medo de o saber, pois como poderia eu ajudá-lo? Será livre? Isso é, sem dúvida. Que poderia eu dar-lhe além dessa miserável liberdade? Ele é reflectido, maduro para a idade. Mas será feliz? A liberdade só é boa se for desejada, ardentemente ambicionada, mas assim, oferecida de bandeja, tem outros nomes: abandono, solidão...»

Mas que podia ele fazer? Já não trabalhava desde que fora operado pela última vez. Vivia de alguns pequenos rendimentos que ainda tinha e que o fisco e a desvalorização ainda lhe deixavam. Estava a chegar agora aos últimos cupões. Quando morresse, a família ficaria com o seguro de vida que ele tinha feito e com a casa do Vésinet, impossível de vender, pois estava-se no final de 1932; estava a começar uma crise económica sem precedentes. O futuro de Jean-Luc mostrava-se muito sombrio...

Fechou suavemente os olhos para rever melhor em espírito o rosto querido do filho. Voltaria a casa naquela noite?... Entre sábado e segunda-feira, Jean-Luc ficava no Vésinet, mas durante o resto da semana vivia em Paris. Nessa noite, a sala ainda estava impregnada da presença de Jean-Luc. Tinha deixado livros em cima da mesa e, no braço da poltrona, o relógio de pulso com a pulseira de cabedal demasiada apertada que ele estava sempre a tirar, por lhe magoar o pulso, e de que se esquecia logo a seguir. Mathilde viu o olhar do marido fixo nesse relógio; levantou-se, pegou nele e guardou-o numa gaveta. O aroma dos cigarros que

Jean-Luc fumara estava já a desvanecer-se e já só se sentia o cheiro a chuva, a Outono, a terra molhada que se erguia do jardim. Choravam gatos nas sombras. Laurent pôs-se a meditar que já não valia a pena acolher todos esses velhos pensamentos, esses amargos pensamentos... A angústia do dia seguinte, a preocupação do pão de cada dia, o futuro dos seus? Que homem nos dias de hoje seria suficientemente feliz para estar totalmente liberto deles? Ele era como muitos outros... Era o mal dos pais, que pesava sobre tantos milhares deles... Suspirou, olhou com ternura as páginas do livro, um pequeno volume inglês com a capa já gasta. Os seus queridos poetas isabelinos consolá-lo-iam, se alguma coisa pudesse consolá-lo. Leu:

*«– My soul like a ship in a black storm
Is driven I know not within...»*

A minha alma, como um navio numa negra tempestade, é conduzida não sei para que profundezas...

Ergueu os olhos, contemplou tristemente os abetos húmidos da neblina e a lívida luz que os iluminava, caindo sobre eles e sobre a fachada da casa. Doente, idoso, como poderia observar sem estremecer aquelas negras árvores imóveis e respirar o cheiro da terra do Outono?...

Pedi:

– Claudine, não queres fechar as portadas, minha filha?... E correr as cortinas?... Tenho frio.

– Claudine, ouviste o que disse o teu pai? – disse Mathilde Daguerne. Claudine levantou-se e fechou as cortinas.

2

No colégio, durante as horas de estudo da tarde, Jean-Luc, ainda criança, tinha pensado: «Quando amar uma mulher, quando a tiver pela primeira vez nos meus braços (tinha pensado: “nua”, e corara de vergonha e desejo), vou lembrar-me destas paredes negras e do barulho da chuva, de propósito, só para aumentar o prazer.»

Nessa noite, deitado junto de Édith num quarto quente e sombrio, essa velha recordação veio-lhe à memória por instantes, mas tão longínqua, tão doce e tão liberta do antigo veneno que só lhe concedeu um rápido pensamento, um pequeno sorriso. Estava tão feliz... Tinham apagado o candeeiro; uma pequena salamandra a petróleo ardia num canto; o seu coração vermelho iluminava o tecido com ramagens das tapeçarias, nas quais estavam desenhados barcos à vela descoloridos pela humidade. Jean-Luc descobrira aqueles aposentos num modesto restaurante nas proximidades do Parc Montsouris, onde se entrava por uma escada discreta e por uma porta oculta.

Era ali que se encontrava com Édith. Àquela hora e naquela altura do ano, o parque e toda a casa pareciam vazios. Na esplanada, as mesas de ferro estavam deitadas debaixo de um alpendre. A noite apagara as palavras «Casamentos e banquetes», inscritas na porta. Um candeeiro de rua aceso reflectia-se na água escura do lago. A chuva caía docemente e só o ruído da água a cair na água media o tempo. A noite de Outono era

gelada, triste, mas ali o perfume de Édith impregnara as paredes; um calor pesado e doce adormecia o corpo e a alma. Na mesa, uma garrafa de vinho branco arrefecia num balde cheio de gelo. Mas eles não estavam a beber. Nem sequer se beijavam. Estavam imóveis, apertados um contra o outro, com as mãos enlaçadas com tanta força que os pulsos de Édith tinham ficado vermelhos. O tempo fora abolido. Uma porta fechou-se suavemente; uma voz de mulher, um riso abafado atravessaram as paredes e depois ficou tudo em silêncio; a chuva caía com mais força, essa mesma chuva que Laurent Daguerne ouvia nesse momento a bater no rebordo de zinco do seu telhado.

– Que bem que se está – disse Jean-Luc a meia-voz.

Estendeu uma mão e tacteou à procura dos cigarros por cima da toalha. Édith acendeu o pequeno candeeiro entre os dois lugares à mesa.

Olharam-se avidamente, sem um sorriso. Ele tirara o casaco e o colarinho, deixando nu o jovem pescoço puro e forte; os seus belos cabelos castanhos despenteados escondiam em parte a testa pálida e as têmporas estreitas; esses cabelos pesados, muito abundantes, muito vigorosos cresciam-lhe acima do rosto magro, como uma luxuriante vegetação tropical numa terra queimada pela febre. Afastou-os para trás com a mão, com violência. Alguns dos seus gestos eram ainda de adolescente, mas o olhar tinha a audácia e o brilho de um homem feito. Quando baixava os olhos, as pestanas compridas suavizavam-lhe os traços.

Ela murmurou:

– Já é tarde.

– Não.

– É, sim, deixa-me. É quase meia-noite. A minha família não me autoriza a chegar a casa depois da meia-noite.

– Não quero saber da tua família...

– E eu quero? Mas tenho de...

– Está bem, vai lá!

Ela levantou-se, mas sentiu as pernas do rapaz prender as dela. Caíram docemente para trás, abraçados.

Ela tinha vinte anos, um rosto imperioso e delicado, quase sem maquilhagem, com grandes olhos verdes. O cabelo dava-lhe pelos ombros e estava preso atrás das orelhas com dois ganchos de esmalte semeados

de pó de diamante. Jean-Luc tirou-lhos e o cabelo despenteado caiu-lhe pelos ombros e pelo pescoço; eram loiros, mais claros que a pele de âmbar; a beleza da sua tez, a delicadeza dos braços e sobretudo aquela cabeleira leve deram-lhe por momentos a aparência de uma criança. Sorriam um para o outro com uma espécie de ingenuidade, bem rara, aliás, nos rostos. Um espelho inclinado mostrava o reflexo deles, um velho espelho com uma pesada moldura dourada, datando sem dúvida de 1880, como tudo naquela casa; estava riscado com mil inscrições e nomes desconhecidos. O desejo mais intenso e mais delicado que ambos sentiam naquele momento era não se mexerem, nunca se mexerem, adormecerem apertados um contra o outro, nunca mais verem os pais, nem provarem o sopro frio da rua. Falavam um com o outro com as bocas tão próximas que os seus lábios bebiam as palavras ainda antes de elas serem pronunciadas, quando ainda eram apenas suspiradas, quase ainda por formar, meio palavras, meio beijos. Estavam felizes. É raro saber-se gozar a felicidade durante a juventude, quando nem sequer se exige essa felicidade, como que sabendo que ser jovem e acima de tudo feliz é pedir demasiado a Deus, mas esse silencioso encantamento era a imagem mais próxima da felicidade que eles podiam conhecer. Não eram amantes. Ele amava-a. Queria que ela fosse a sua mulher.

De súbito ficaram com frio. As faces deles, contudo, queimavam como chamas, mas tinham os corpos trespassados por arrepios. Levantaram-se e foram sentar-se junto da pequena salamandra a petróleo. Fumavam em silêncio. Depois, Édith pousou no chão o espelho que trazia no saco e, encostada aos joelhos de Jean-Luc, começou lentamente a pentear os cabelos. Ele pegou no cigarro que ela abandonara e levou-o aos lábios.

– É difícil viver sem ti – disse finalmente, com esforço.

Como sempre, nos momentos de agitação interior, a voz dele tornara-se baixa e surda; desviou os olhos, para o olhar não revelar a emoção que estava a sentir; as almas jovens e viris têm vergonha do amor. Até o seu rosto ficara frio e calmo. Quando falava com entusiasmo ou sinceridade, a sua expressão ficava neutra, gelada, impenetrável, mas, quando se calava, todos os seus traços, pelo contrário, se animavam com a ironia, a reflexão, a atenção extrema; os seus olhos brilhavam: contraía os

lábios com impaciência no desejo de calar a paixão que o agitava, mas que parecia transbordar para fora dele tal como um fogo mal apagado se escapa da cinza.

Ela apertou-se mais contra ele. Ele sacudiu a cabeça.

– Não devia estar aqui contigo. És o tipo de mulher que eu detestava. Brilhas tanto... A mulher que eu imaginava...

Calou-se, perdido na contemplação daquele pescoço nu, inclinado para trás e apoiado no seu joelho; o quarto estava iluminado pela luz da salamandra; o sombrio fogo cor-de-rosa deixava na penumbra o corpo de Édith, mas coloria-lhe o rosto e o pescoço redondo e dourado.

– Querido... Como era a mulher que imaginavas? Ingrato... Eu, logo que te vi, pensei: «Gosto dele.» Lembras-te? Na galeria da Sorbonne, quando estava lá à espera da Chantal Desclées? Já estava escuro, começavam a acender as luzes. Ninguém à nossa volta, e tu... Achava-te tão bonito... Querias falar comigo. Não te atrevas.

– Bem via pela tua roupa que não eras uma estudante, mas fiz de conta que me enganava. Pedi-te uma informação idiota...

– Parecias estar muito à vontade. Sempre sonhei com um rapaz como tu... Sim, com a cara magra, os olhos lindos... E tu, quando eras pequeno, imaginavas outra mulher? Como era ela?

– Simultaneamente uma princesa de Racine e ajoelhada aos meus pés – disse ele, a sorrir.

Ela ajoelhou-se diante dele e olhou-o rindo. Ele sacudiu a cabeça.

– Isso não chegava, imagina... Tinha de a ter dedicada a mim. À minha disposição, só a depender de mim, apenas de mim, tirando de mim toda a sua felicidade, todo o seu bem-estar... E tu és uma rapariga rica, uma jovem, e uma parte inteira da tua vida está longe de mim... Mas em breve...

Agarrou com a mão a nuca inclinada da jovem, apertou-lha com doçura e depois, pouco a pouco, com mais força, até a fazer soltar um leve grito de dor. Ele não disse: «Amas-me? Não vais amar outro homem? Estaremos sempre indissolavelmente unidos?» Raramente pronunciava palavras de amor: naquela idade, ainda parecem tão sérias, tão irrevocáveis: são palavras ainda por usar. Disse por fim:

– Minha querida...

Era a única palavra de ternura que conseguia escapar-se sem esforço dos seus lábios, a única de que não tinha vergonha.

Continuavam abraçados um ao outro, sem uma palavra. Édith endireitou-se bruscamente:

– Vamos, já basta, tenho de me ir embora... Anda.

Enquanto ela acabava de se pentear, Jean-Luc levantou-se e dirigiu-se à janela fechada. Soprou para o vapor que cobria o vidro e através do qual brilhava a luminosidade lívida de um candeeiro de zinco na esplanada.

– O parque está deserto.

– É horrivelmente tarde.

Jean-Luc olhou para as árvores imóveis: inclinadas para a terra, atentas, ouviam subir a seiva até elas, mas sem um estremecimento de alegria, sem a febre da Primavera. Com sensatez, paciência e uma surda esperança... Com todo o seu jovem corpo fremente, com o sangue que corria e ardia dentro de si, Jean-Luc censurava-as, reprovava-as, tinha pena delas. Abriu a janela com violência, aspirou o ar carregado de chuva, como se contivesse um bálsamo para a febre que o agitava. As suas duas sombras estavam projectadas no muro envidraçado do terraço por uma vaga luminosidade; juntaram-se as duas num beijo, depois Édith pegou no casaco de peles atirado para o divã, sobre o qual se tinham acariciado, e levou-o à cara e aos lábios:

– O teu cheiro...

Por um instante, na borda do divã, hesitaram. Jean-Luc disse, com uma voz surda e ardente:

– Não, não, não vais ser a minha amante, mas a minha mulher. Achas que, se dormisse contigo, ia conseguir deixar-te ir embora?

Ela inclinou lentamente o rosto e disse por fim:

– Anda...

Ele prendeu debaixo da garrafa ainda cheia uma nota de cinquenta francos, a última que tinha. Ora! Que importava? Sentia-se com uma força capaz de levantar o mundo!

3

Separaram-se na Rue Gazan, pequena e deserta. O parque estava iluminado aqui e ali por umas luzes fracas. Ainda não parara de chover.

Jean-Luc levantou a gola do impermeável e enfiou as mãos nos bolsos. A chuva escorria-lhe pelo cabelo, pela cara. Sentia com delícia as grandes gotas pesadas e frias beber o calor das suas faces. Estava feliz. Que nobreza, que virtude há na felicidade!... O vento atravessava-lhe a roupa; tinha fome; não jantara para pagar a garrafa de vinho e os cigarros de Édith, mas até isso lhe estimulava o seu prazer orgulhoso. Há uma idade em que as necessidades materiais respeitam o homem, mesmo que venham a vingar-se dele mais tarde... Parecia-lhe que nada poderia alguma vez esgotar-lhe as forças intactas, nada, nem as privações, nem o excesso de trabalho, nem o excesso de prazer. As noites sem dormir davam ao seu corpo uma febre feliz; o seu pensamento, tornado mais leve pela fome, estava mais ágil e mais lúcido. Embriagava-se com a sua juventude, com o calor do sangue, com a agilidade e o equilíbrio daquele corpo que comunicava à alma a sua tranquila segurança. Sorriu de novo face à lembrança do colégio, das paredes escuras, das lágrimas... Tudo isso ficara muito longe... O próprio tempo, pela primeira vez, existia com ele e para ele. O tempo, tão lento e tão pesado na infância, o tempo que se ajustava aos prazeres e ao esquecimento dos outros, batia agora ao ritmo do seu sangue e atirava os adultos de ontem para a velhice.

Ele era jovem! Apetecia-lhe estender os braços e gritar: «Obrigado, juventude!» O mundo, por um breve instante, estava à medida das suas forças.

Caminhava lentamente pelas ruazinhas vazias à volta do Parc Montsouris, sentindo que a sombra e a solidão preservariam maravilhosamente a sua exaltação interior. Mais abaixo estendia-se uma zona de luzes e de ruído por onde passavam aos milhares, desgraçadamente, rapazes parecidos com ele, tão fortes, tão inteligentes («mas isso não, não», pensou ele, sorrindo) como ele, rapazes desprovidos de tudo, mas todos sonhando agarrar o mundo com as duas mãos. Jean-Luc demorava-se nas ruas escuras. Apoiava-se nas grades do parque, observava com amizade as luzes no lago. Nada era tão calmante como aquelas chamazinhas trémulas na sombra, na chuva, numa solidão infinita... A luz parecia beber o seu olhar, lentamente, lentamente... Era inexprimível. A sua doce palpitação acalmava-lhe, pouco a pouco, os batimentos do coração.

Retomou a marcha, apertando contra a abertura da camisa, contra o peito nu, a mão que acariciara Édith. De vez em quando levava-a aos lábios e aspirava o perfume dela. Édith... Aquela rapariga rica que crescera e fora educada num mundo que ele não conhecia, que mal imaginava, um mundo de financeiros, de políticos (o pai dela era Abel Sarlat, o banqueiro), aquela rapariga votada à riqueza seria a sua mulher. O amor só tinha validade enquanto dom recíproco absoluto. Édith seria a sua mulher, a sua companheira fiel, até à morte. Só pedia um ganha-pão para a conquistar. Não duvidava de que o pai dela recusaria tal casamento. Mas, se tivesse de viver pobremente, miseravelmente, tanto pior. Isso era coisa de velhos, esse sentimento de responsabilidade perante a mulher, esse medo de privar a mulher do luxo e do bem-estar que pareciam ser um direito seu, dir-se-ia... Porquê? O amor deveria ser forjado no esforço e numa devoção recíproca, mas igual. Hoje, as únicas virtudes necessárias ao homem e à mulher eram a coragem e o orgulho. Necessárias, mas suficientes. Édith não podia ser covarde. A falta de coragem destruiria nele o amor. A vida era dura, sem dúvida. Quem o saberia melhor do que ele?... Para viver, para acabar os estudos sem ajuda, sem pedir nada a um pai fraco, doente, arruinado, tinha trabalhado verdadeiramente

para lá das suas forças. Lavara carros, traduzira romances policiais em duas noites, tinha dado aulas a preços de miséria, ganhara duramente, no mais completo abandono material, o direito de ser livre e responsável pelos seus actos, o orgulho de pensar que os seus, não lhe tendo dado nada, não tinham o direito de lhe pedir nada, que ele podia modelar a própria vida como quisesse, sem esperar nem conselho, nem auxílio. Mas seria o único senhor dessa vida! Assim, a sonhar, empurrado pela multidão sem a ver, foi ter a um cafezinho na Place de l'Odéon, onde deveria encontrar-se com o seu amigo Serge Dourdan. Bancos altos de couro gasto, o balcão manchado, raparigas cansadas, meio a dormir, encostadas a um rapaz desfigurado, era esse o cenário habitual da sua vida. De facto, a juventude é um vinho precioso que se bebe, usualmente, num copo grosseiro. Isso não o fazia sofrer, porém. Não havia nada comparável àquelas tascas miseráveis onde uma pessoa se sentia perdida, escondida no âmago da cidade, refugiada no próprio seio das suas trevas e do seu rebuliço e recriando à sua volta, como se faz na infância, um mundo liberto das leis do mundo.

Iria ficar ali até de manhã, a embriagar-se de política com Serge Dourdan. Veria os pratinhos com as contas a acumularem-se na mesa de ferro. Dourdan era um abandonado como ele. Tinham-se conhecido no liceu, num fim de tarde do regresso às aulas, diante da porta do internato que iria fechar-se-lhes nas costas, ambos infelizes, perdidos na multidão, cerrando os punhos, cerrando os dentes para reterem as lágrimas vergonhosas.

Até de manhã, iriam conversar ou ficariam calados, entendendo-se ainda melhor no silêncio. Depois, Jean-Luc voltaria para o quarto onde vivia, por cima do Ludo, a velha academia de bilhar que ficava em frente da Sorbonne, e aí dormiria no meio do barulho das peças movidas no tabuleiro de xadrez, das bolas de bilhar lançadas com toda a força, do ruído dos copos e das vozes, tal como dormira no colégio e no quartel, de um sono sem sonhos, escuro e doce.

4

Um ano mais tarde, nesse mesmo velho Ludo, na sala do rés-do-chão, entre as mesas de bilhar e as dos jogadores de xadrez, Jean-Luc esperava um telefonema de Édith.

Eram quase oito horas da noite e ele tinha esperado assim metade do dia. Lá fora, um Outono muito sombrio e ele sem nenhum sítio para onde ir... Que farto já estava das ruas de Paris, por onde andava desde a madrugada a maquinar maneiras de vender modelos de aspirador, solda para rádios e caixas de sabonetes compradas a baixo preço em perfumarias à beira da falência... Era esse o seu precário e único ganha-pão. Nada, nem os seus brilhantes diplomas, nem a coragem, nem o trabalho, nada lhe proporcionara a mínima segurança que almejava, nada satisfizera as suas mais modestas ambições. Tal como se diz das raparigas americanas, «Beauty is cheap», assim na Europa, nesse Outono de 1933, a inteligência era vendida a salários de miséria.

Estava sozinho: Dourdan devia chegar mais tarde. Dourdan arranjava um emprego por oitocentos francos por mês num vendedor de ferro e de metais, e, durante todo o dia, vigiava e carregava camiões de mercadorias para exportação. Às vezes jantava no Ludo, «pão e presunto» e uma chávena de café, misturado com álcool.

No ar sufocante voava um fumo espesso, misturado com pó e giz; diante de Jean-Luc ardia a borboleta amarela do gás. O choque das bolas

de bilhar e das peças de xadrez formava um barulho surdo e quase inebriante, quando o ouvia assim, quase a dormir de cansaço.

Jean-Luc estava sentado a um canto, com os braços cruzados sobre o peito e os olhos fechados. Quando o telefone tocava, uma campainha quase imperceptível no barulho do café, erguia bruscamente as pálpebras e, inclinando-se para a frente, punha-se à escuta. Mas à entrada da cabina telefónica aparecia o empregado, Ernest, a gritar: «Telefone para o senhor Marcel», ou «senhor Georges», ou outro nome que não o dele, que nunca era o dele... Jean-Luc descruzava os braços lentamente, rodeava os joelhos com as mãos, apertando-as uma contra a outra com violência, até o bater do coração se acalmar; olhava fixamente para a chama do gás através do fumo. Estava magro, pálido, mal barbeado, com o cabelo demasiado comprido, vestido com uma camisola velha com as mangas remendadas. À sua volta estavam sentados rapazes parecidos com ele, como se a má alimentação, a falta de ar e de luz tivessem moldado aqueles rostos e aqueles corpos ao saírem da adolescência, até fazerem deles, ao invés de indivíduos distintos, uma aglomeração composta não de seres humanos mas de números, de unidades para o quartel, para o escritório ou para o hospital. Penteavam-se todos da mesma maneira, com os cabelos lisos, colados e puxados para trás; usavam camisolas de lã ou impermeáveis velhos. Tinham peitos estreitos, pescoços frágeis metidos em colarinhos posições muito baixos; os seus movimentos eram marcados pela pressa e pela febre. Os asiáticos, muito numerosos ali, pareciam um pouco mais amarelos; a má iluminação dava a todos os rostos um tom sombrio e bilioso. Não havia nenhuma mulher.

Os que não estavam a jogar às cartas ou xadrez falavam de política, como Jean-Luc fizera antes deles... Sabia o que se dissimulava debaixo daquelas palavras, que sonhos alimentavam aqueles rapazes em quem a dureza material da existência não despertava desespero, mas uma ambição surda, apenas confessada a si mesmos no segredo dos seus corações. Com que júbilo enterravam o velho mundo! Se este morresse, se se desfizesse em pedaços, como se proclamava em redor, estariam lá eles, os jovens, para os recolherem. Durante quinze anos, para a geração imediatamente anterior, só houvera um senhor, o dinheiro. Para esses homens, era o poder. Era a palavra de ordem, que nunca pronunciavam,

que era «tabu» mas que ouviam mesmo sem querer, que transparecia nos seus julgamentos bruscos e severos, no desdém feroz em que incluíam o universo inteiro, naquela paixão pela política, única forma da actividade humana capaz de os comover. Como poderiam não sonhar? Que outra coisa dava à juventude o mundo de hoje? Não havia trabalho, não havia ambições modestas que pudessem ser realizadas, não havia acção. Só restava aquilo... A cruel e fria paixão pelo sucesso, escondida debaixo de todo o género de etiquetas partidárias.

«E eu?», pensou Jean-Luc.

O mundo que também ele, como todos os outros, tinha sonhado conquistar nunca lhe parecera tão inacessível. Entrava nele pela porta das traseiras, a da pobreza, do abandono, do amor traído. Sentia-se tão só!... Pensou:

«Julien Sorel ainda podia contar com uma parte da sociedade. E nós? Em que podemos apoiar-nos hoje? Está tudo a desabar. Já nem o dinheiro é seguro. E, à nossa volta, não há nada. Nem um apoio.»

Mordeu os lábios com os dentes para abafar um suspiro frouxo. Pegou no copo de aguardente que tinham acabado de lhe servir, bebeu-o e depois, inclinado para a frente, atormentando entre os dedos o maço de cigarros vazio, voltou a esperar.

Já eram quase nove horas. Levantou-se bruscamente, atravessou a sala de bilhar. Aproximou-se da cabina telefónica; através da porta, ouvia a voz de um homem muito jovem, quase adolescente, a repetir com uma entoação indolente:

– Mas se te estou a dizer que janto em casa do meu pai!... Nini, vá lá, sê razoável! Estou a dizer que neste momento já estou em casa do meu pai!...

Jean-Luc encostou-se à parede, dantes caiada e agora suja e coberta de inscrições e de números. Finalmente, a porta da cabina abriu-se; saiu de lá um rapaz de vinte anos, com o rosto inflamado pelo álcool e um taco de bilhar debaixo do braço; sorriu a Jean-Luc, que já conhecia:

– Tudo bem, Daguerne?

Sem responder, Jean-Luc entrou por sua vez no pequeno reduto abafado onde já passara muitos e longos momentos. Não conseguia decidir-se a pegar no auscultador, a ouvir mais uma vez:

– É da parte de quem? A menina saiu.

As paredes estavam cobertas até meia altura com nomes de mulheres e desenhos de corpos ou de rostos; a cabina estava impregnada de um cheiro a fumo frio, que animava o coração.

Suavemente, suavemente, Jean-Luc pegou no auscultador, acariciou-o por um instante com a mão e pediu o número. Foi a própria Édith a atender; ao ouvir a voz dela, Jean-Luc deixou-se dominar por um acesso de fúria tal que o som das suas próprias palavras, roucas e surdas, o deixou estupefacto:

– É a Édith... Porque é que não telefonou?

Édith murmurou:

– Agora não posso falar...

– Ouça, Édith! Responda-me só com um sim ou com um não, se quiser, mas preciso de uma resposta! Um rapaz que a conhece disse-me que está noiva, que já foi anunciada a data do casamento, no dia 25 de Novembro. Há uma semana que não a vejo, não me telefona, não me escreve... Quero... Prefiro saber. Mas responda-me! – gritou com raiva.

Calou-se: Édith desligara sem responder.

Bateu furiosamente na campainha do telefone; ligou em vão; passou lentamente a mão pela cara.

– Filha da mãe – murmurou, com os dentes cerrados. – Ainda vai ver o que elas doem, palavra de honra...

Esperou um instante, a olhar fixamente para um traseiro de mulher desenhado na porta. O coração batia-lhe com violência. Finalmente, abriu a porta, disse para a mulher da caixa «Uma chamada» e voltou para a sala.

Dourdan estava sentado à mesa dele. Jean-Luc afastou o impermeável que Dourdan pousara no banco. Este murmurou:

– Estás doente?

– O quê? Não.

Calaram-se. A amizade dos dois era pudica, ainda comandada pelas regras da infância: não recriminar, não se queixar, falar o menos possível dos próprios males, dos próprios erros. Do pequeno colegial pálido, de joelhos duros e rudes que Jean-Luc conhecera aos doze anos, Dourdan conservara o ar arguto, secreto, a graça, os pulsos magros, os olhos

sombrios que dirigia a custo para o interlocutor, como se o avaliasse num instante, e que desviava logo a seguir.

Jean-Luc empurrou na sua direcção o bocado de presunto encetado:

– Toma. Podes comer. Queres beber alguma coisa?

– O mais possível. Passei o dia na Gare du Nord, a alombar com fardos de sucata.

– Agora és camionista, por oitocentos francos ao mês?

– Às vezes.

– Escreveste ao teu tio?

Dourdan pertencia a um meio de industriais da Lorena; o pai fora morto em 1917. Um conselho de família gerira a pequena fábrica de vidros fundada por um Dourdan em 1830 e que pertenceria a Serge quando atingisse a maioridade. Desse conselho de família fizeram parte os homens mais sensatos e mais íntegros que o velho Dourdan conseguira encontrar para lhes confiar os interesses do filho antes de partir para a guerra. Tinham conduzido o negócio com bom senso, prudência e proibidade, de tal modo que a vaga de prosperidade não o atingira. Mas desde 1928 que esta periclitava perigosamente, para se apagar nos primeiros meses da crise.

Dourdan levou aos lábios o copo de álcool:

– O meu tio? Até já tenho a resposta dele. Vais ver, é divertida. Tem uma pequena fábrica de tecidos nos Vosges. O tipo de negócio normalzinho, mas sem interesse. Estás a ver?... Está em liquidação judicial desde o dia 15. As filhas dele, com quarenta e dois e quarenta e cinco anos, acrescentam umas linhas à carta a perguntar se lhes arranjo um emprego ou um trabalho qualquer em Paris. Não achas divertido?

– Divertido, é esse o termo – respondeu Jean-Luc a meia-voz.

Dourdan parecia bêbedo: o copo de álcool que ingerira com o estômago vazio fizera-lhe subir às faces um fluxo de sangue; levantou-se para pedir lume aos vizinhos; cambaleava de fadiga.

– Já pensaste – disse Jean-Luc – que as palavras de Gide daqui a pouco já não vão fazer sentido? Uma família que dá cabo de nós, mas que está lá, que pode ajudar-nos e fazer-nos melhorar, tem um preço... não sei, um preço formidável...

Falava com uma voz seca, como se estivesse a fazer um esforço para se refrear, para contrair a paixão. As palavras pareciam cuidadosamente escolhidas para diminuir a gravidade e o alcance do pensamento, mas, por momentos, uma palavra desproporcionada, como «formidável», ou «monstruoso», parecia ser uma abertura pela qual se escapava um fogo secreto.

Entre Dourdan e Jean-Luc, as conversas de ordem geral eram colocadas acima das preocupações pessoais, como uma grelha sobre palavras cujo sentido só eles conheciam. Dourdan percebeu que Jean-Luc estava a pensar no próprio pai, que em breve morreria e do qual não podia esperar nem socorro, nem reconforto. Inclinou a cabeça e Jean-Luc viu que ele percebera.

– As raparigas – disse de súbito Jean-Luc com amargura –, só as raparigas é que são felizes. Têm liberdade, uma licenciosidade sem igual, todos os prazeres físicos. O amor «sem perigo e sem medo...» Pela primeira vez desde muitas gerações. Ora olha para elas. Que lindas que são, que brilho, que ar de felicidade... E nós? Olha para nós. Olha à tua volta. Somos bonitos, não somos?

– Estás a falar de raparigas ricas...

– Estou a falar de uma rapariga rica – disse Jean-Luc. Desviou o olhar. – Já sabes a quem me refiro – acrescentou em voz mais baixa, com esforço. – O que me disseste, do casamento dela... é verdade?

– É – murmurou Dourdan.

– Como é que sabes?

– Ora bem – respondeu Dourdan –, conheço uma mulher chamada Marie Bellanger. Ela conhece Édith Sarlat, ou, antes, conheceu. Essa Marie Bellanger divorciou-se há uns anos. Desde aí, deixou de se dar com os Sarlat, que eram primos muito afastados do marido, mas uma das antigas amigas, que ainda a recebe, disse-lhe que a tua Édith vai casar com Bertrand Bolchère. Conheces esse nome? Os Bolchère. Muita, muita massa. Foi assim que eu soube. Diz-me, dormiste com essa rapariga?

– Não.

– Não? Que grande erro! Devias ter-te servido dela. É tudo o que isto merece.

– Tudo o que isto merece – repetiu Jean-Luc docemente.

– Já reparaste que é sintomático que a expressão «uma jovem» tenha caído em desuso e que agora só se diga «uma rapariga», quando se fala delas? «Raparigas», ou então «mulherzinhas», é tudo o que basta. Mas acabamos por nos ligar a algumas delas, não sei porquê. A tal Marie Bellanger...

Calou-se. Esmagou lentamente o cigarro no prato vazio e disse de repente:

– Preciso de dinheiro. Preciso imenso de dinheiro. Não posso levar Marie para minha casa, para aquele hotel de árabes e de chulos. Não posso ir a casa dela: está em processo de divórcio e, para ficar com uma pensão que lhe permita viver, a culpa tem de ser do marido. É um louco sádico, mas, se conseguisse provar que Marie tem um amante, ela ficava sem nada. Queria um quarto decente. Não tenho dinheiro. De qualquer modo, havia uma maneira... Diz-me cá, sabes o que são escrúpulos?

– Desprezamos os outros por completo, mas sabemos o que devemos a nós mesmos – respondeu Jean-Luc.

– Achas? Se calhar...

– Que maneira era essa?

– Oh, a arte da escrita – disse Dourdan docemente.

– Falsificações?

– Desse género... Mais complicado...

– Tem cuidado – murmurou Jean-Luc.

Dourdan encolheu os ombros.

– Com quê?... Estou-me a lixar para a desonra! A cadeia? Sabe-se lá se seríamos mais felizes assim... Já pensaste no que nos aconteceria em caso de doença, ou de um acidente? Morrer por morrer...

– Estás bêbedo – disse Jean-Luc.

Dourdan pareceu acordar. Levantou-se com esforço, pegou no velho impermeável enverdecido, enrolou-o todo debaixo do braço e foi-se embora sem dizer palavra.

Jean-Luc ficou sozinho.

Jean-Luc Daguerne é um jovem ambicioso que, desprovido de tudo, sonha agarrar o mundo com as duas mãos. Mas a velha ordem que o rodeia está em colapso devido a uma crise sem precedentes: o dinheiro já não é seguro, o sucesso já não dimana apenas do trabalho. Para subir na vida, há que entrar nos meandros do poder e da política. Ao casar-se com Édith Sarlat, filha de um importante banqueiro, Daguerne parece finalmente conquistar as tão desejadas alegrias do sucesso e da ambição. Porém, depressa se emaranha numa teia de mentiras, vinganças e traições, e o que outrora parecia um belo sonho não é mais do que uma realidade sórdida e mesquinha que de predador acabará por transformá-lo em presa.

Publicado em 1938, e até hoje inédito em Portugal, *A Presa* é um romance trágico, com ecos stendhalianos, que narra a ascensão e queda de um jovem idealista ambicioso — «um Julien Sorel numa época de crise» — traído pelas suas próprias paixões, e cuja história compõe um retrato magistral da Europa e da sua burguesia nas primeiras décadas do século xx, em plena crise financeira e política.

«Némirovsky era incapaz de escrever um romance que não prendesse o leitor. Tinha um enorme talento para criar personagens e histórias superiores.»

THE GUARDIAN

«Némirovsky revela um sentido de observação implacável sobre a sociedade e as *nuances* da conduta humana.»

THE FINANCIAL TIMES

ISBN 978-989-564-703-3
9789895647033



cavalo de ferro